

AS NÁUSEAS DA CASA, HABITANDO-EM-REDE

THE NAUSEA OF HOME, DWELLING-IN-NETWORK

¹ Universidade Estadual de Campinas | Instituto de Geociências | Programa de Pós-Graduação em Geografia. Limeira, SP, Brasil.

² Universidade Estadual de Campinas | Faculdade de Ciências Aplicadas | Laboratório de Geografia dos Riscos e Resiliência. R. Pedro Zaccaria, 1300, Jardim São Paulo, 13484-350 | Limeira, SP, Brasil | Correspondência para/Correspondence to: E. MARANDOLA JR. E-mail: <eduardo.marandola@fca.unicamp.br>.

Tiago Rodrigues Moreira¹

ORCID ID: 0000-0002-1307-4602

Eduardo Marandola Jr.²

ORCID ID: 0000-0001-7209-7735

RESUMO

A experiência da pandemia nos lançou para uma nova experiência da casa, um adensamento do habitar que não é algo novo, mas um reestranhamento por esta nova situacionalidade. Assim, a casa se apresenta de forma intensa na experiência da pandemia da Covid-19, enquanto náusea em um habitar-em-rede. Esse texto tem como proposta realizar descrições nauseantes da casa para compreender a dinâmica da elasticidade do lugar, promovendo um debate sobre quatro fundos existenciais, a saber: base, movimento, combate e acontecimento, experienciados durante o ficar-em-casa, e encaminhando para um reestranhamento da casa a partir de suas náuseas.

Palavras-chave

Estranhamento. Fenomenologia existencial. Lugar. Situacionalidades.

ABSTRACT

The experience of the pandemic launched us towards a new experience of the home, densification of living that is not something new but a re-estrangement due to this new situatedness. Thus, the home appears intensely in the experience of the Covid-19 pandemic as nausea while a dwelling-in-network. This text proposes to carry out nauseating descriptions of the home to understand the dynamics of the elasticity of the place, promoting a debate about four existential backgrounds, namely: base, movement, combat, and unexpected experiences during the quarantine. Forwarding to a re-estrangement of the home from his nausea.

Keywords

Strangeness. Existential Phenomenology. Place. Situationality.

Como citar este artigo
How to cite this article

Moreira, T. R.; Marandola Jr., E. As náuseas da casa, habitando-em-rede. *Pós-Limiar*, v. 5, e225775, 2022. <https://doi.org/10.24220/2595-9557v5e2022a5775>

Recebido em 27/4/22 e
aprovado em 7/6/22.

HABITANDO-EM-REDE: REESTRANHANDO A CASA

A presença das tecnologias de comunicação se tornou tão massiva e onipresente que estamos vivendo de forma intensa aquilo que já se anunciava, há alguns anos, como uma cibercultura (Lévy, 2009), para os entusiastas de suas potencialidades, ou a radicalização de uma cultura ciborgue (Haraway, 2000), para os menos otimistas.

O filósofo Martin Heidegger, um dos precursores da filosofia da técnica, fez um diagnóstico precoce do impacto da tecnologia no nosso cotidiano, afirmando que, embora ela tensionasse os modos de ser-no-mundo, não havia como contorná-la, pois nossa era moderna seria atravessada e marcada pela técnica (Heidegger, 2007).

Não há, em Heidegger, uma valoração propriamente (por isso chamamos sua leitura, precariamente, de “diagnóstico”). No entanto, isso não impede que muitos partam de sua meditação para identificar os traços de um desenraizamento, no aprofundamento do desencantamento do mundo e de uma deserção, como coloca Unger (2009), cuja intensidade do habitar-em-rede contemporâneo parece ser um atestado.

Este texto, no entanto, seria outro se estivéssemos escrevendo antes de março de 2020. A pandemia da Covid-19, no que se refere ao impacto e atravessamento da tecnologia na experiência, ultrapassou em muito a aparente ambivalência entre entusiastas e pessimistas. As náuseas situadas na pandemia expõem uma relação mais visceral com as redes, aquela que é permeada por entre as paredes de nossa casa. Não somos atravessados apenas pela técnica, e sim por um feixe de fenômenos que circundam nossa existência.

Bernardes (2020), por exemplo, descreve sua relação com as redes de modo orgânico e visceral. Segundo ele, “[...] só, fui me descobrindo ao descobrir o computador e a Internet” (Bernardes, 2020, p. 204). Ou seja, as redes, para o autor, foram situacionalidades para se conhecer no mundo e conhecer outras pessoas.

Essa relação com as redes, não obstante, são relações permeadas pelas presenças e ausências, pelas aparências e imagens de uma realidade existencial. “A Internet é o dado imediato que se põe para a consciência no desenvolvimento deste silogismo, correlato à aparência. Como um tipo de instrumento que possibilita aos homens realizar suas tarefas cotidianas e se relacionar com o mundo, só que de um novo modo” (Bernardes; Sposito, 2009, p. 23).

Bernardes e Aguiar (2020, p. 57) salientam que “[...] a Internet enquanto um modo de relação tem se mostrado como potência, ou melhor, tem potencializado novas formas de se relacionar”. No entanto, por vezes, não nos damos conta de como as redes estão em conexão com a nossa existência. Os fios que atravessam as paredes, ora expostos, carregam da rua a possibilidade de habitar as redes, ou simplesmente os sinais invisíveis ao nosso olhar, que chegam a partir da conexão.

A situação pandêmica potencializou nosso uso das redes, impulsionando uma fusão entre casa-rede, fazendo com que nossa corporeidade fosse tomada a partir da situacionalidade de um internauta. Ao trabalhar, no *online*, fechamos a câmera para comer ou, sem medo, comemos junto do computador, estendemos nossa relação hodierna com o trabalho para a cama, o quarto, a sala, o quintal e, em alguns casos, áreas comuns de condomínios, calçadas etc.

Nesse adensamento do habitar-em-rede, problematizamos as fenomenalidades dessa situação de estar *online* e ser eficaz o tempo todo. Contudo, com essa nova modalidade, por vezes, acabamos por esquecer que o nosso corpo não aguenta muito tempo o compromisso com as redes. Começamos a nos cansar e ficamos exaustos desse exercício. Cada dia que passa nos desgastamos e nos colocamos em lugares que por vezes não éramos para estar, os convites para outros trabalhos chovem, devido a facilidade do encontro.

Nesse alargamento do habitar, as experiências de habitar-em-rede em casa e as preocupações com os lugares são relevantes, pois derivam das próprias situacionalidades. Cada ser-em-situação experiencia certo tipo de habitar-em-rede, multiplicando possíveis modos-de-ser em casa, uma casa-em-rede: as redes em coexistência com o ser-em-situação.

O que se apresenta na situação pandêmica é uma nova experiência mundana: a de conviver com todas as implicações da situação pandêmica no cotidiano. A mais imediata e impactante, em termos intersubjetivos, foi a adoção de políticas de distanciamento social e de confinamento no espaço doméstico (Honey-Rosés *et al.* 2020; Freeman; Eykebolsh, 2020), objetivando evitar aglomerações e limitar a mobilidade cotidiana, o que provocou a implosão de toda cotidianidade vigente.

Com o agravamento da pandemia³, mudaram-se os costumes, os hábitos, os modos de lidar no mundo, perfazendo séries de rupturas: o cotidiano passou a ser inscrito de maneira outra, nos entranhando em casa, em uma espécie de emparedamento cuja válvula de escape (ou escotilha?) principal foi lançar mão dos meios de comunicação via *Internet*, com destaque para as redes sociais. A casa passa a ser, neste movimento, resignificada, com nuances entre classes sociais, grupos culturais e experiências de mundo, mas cujo abalo parece ter percorrido o conjunto da sociedade.

A proposta deste artigo é refletir os sentidos dessa resignificação. Se há um claro reposicionamento da casa na cotidianidade (incluindo sobreposições, novos regimes de acolhimento, de trabalho, estilhaços de intimidade, de sociabilidade, de representações, privações e violências), há o borramento das frágeis fronteiras entre o espaço público e o espaço privado, mais do que nunca misturados nesse mesmo lugar. Nesse sentido, há uma renovação de sua centralidade para compreensão da experiência contemporânea, que parte de um estranhamento da própria casa, pelas suas novas agências e atravessamentos.

Não é de hoje que as redes sociais e virtuais atravessam nosso cotidiano; todavia, elas agora passam a ser mecanismo de possibilidade de trabalho e também continuidade da existência. Dessa forma, passamos a estranhar a casa e os lugares de nossa vivência.

Com base na palavra de ordem, “ficar-em-casa”, emitida pela Organização Mundial da Saúde, parte da população transferiu

[...] suas atividades para os ambientes virtuais: teletrabalho, estudos a distância, vídeo aulas, meditações online, treinos, lives, compras, até mesmo os eventos religiosos e familiares passaram a ser realizados pela tela dos smartphones, por meio das plataformas de videoconferência. Essa transferência, na verdade, coloca em prática a “profecia” de muitos teóricos que vislumbravam o mundo na palma das mãos, a vida, e toda a sua sorte de escolhas (Lima, 2020, p. 63).

A pandemia fez colidir, neste período, a experiência das redes sociais, das telas e do *online* com a experiência da casa, de forma radical. Convivendo nesse atravessamento de relações entre a experiência paradoxal de ficar-em-casa e de estranhá-la ao mesmo tempo é que emerge a pergunta que anima este artigo: que lugar é esse, “ficar-em-casa”?

AS NÁUSEAS DA CASA

O melhor seria anotar os acontecimentos dia a dia. Manter um diário para que possam ser percebidos com clareza. Não deixar escapar as nuances, os pequenos fatos, ainda quando pareçam insignificantes, e sobretudo classificá-los. É preciso que diga como vejo esta mesa, a rua, as pessoas, meu pacote de fumo, já que foi isso que mudou. É preciso determinar exatamente a extensão e a natureza dessa mudança (Jean-Paul Sartre)⁴.

“É numa casa que a gente se sente só. Não do lado de fora, mas dentro” (Duras, 1994, p.13). Marguerite Duras expõe as entranhas do escrever, sendo fundamentada pela solidão de seus dias. “A solidão da escrita é uma solidão sem a qual o texto não se produz, ou então a gente se acaba, exangue, de tanto procurar o que escrever” (Duras, 1994, p.14).

³ “Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Tratava-se de uma nova cepa (tipo) de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos. Uma semana depois, em 7 de janeiro de 2020, as autoridades chinesas confirmaram que haviam identificado um novo tipo de coronavírus. Os coronavírus estão por toda parte. Eles são a segunda principal causa de resfriado comum (após rinovírus) e, até as últimas décadas, raramente causavam doenças mais graves em humanos do que o resfriado comum” (Organização Pan-Americana de Saúde, 2019).

⁴ “A náusea” (Sartre, 2019).

Esta solidão narrada pela romancista francesa mostra uma situação de solidão esbarrada nas sensações de ausência e presença, sendo possível “perder-se de si no interior da casa” (Duras, 1994, p. 17). Perder-se em casa, é vivê-la como um labirinto. Muitas vezes nos sentimos perdidos em casa, sem saber para onde ir ou o que fazer. A perda vislumbra a curiosidade, anseia pelo novo, pelo desbravamento. Estávamos todos os dias perdidos no ficar-em-casa, na espreita de uma nova notícia anunciando uma baixa nos números das estatísticas pandêmicas.

Quantas vezes, nesse cenário pandêmico, nos perdemos em casa, mesmo sabendo cartograficamente quais são os metros de nossa casa? Nós nos encontramos perdidos, estirados sob o sítio em que habitamos, desesperados e angustiados pela contingência. Sendo assim, o

[...] coronavírus se fez notável sem que preparássemos ‘a casa’ para recebê-lo, tal como uma visita inconveniente que chega a qualquer hora e sem avisar. Irrompeu as barreiras entre privado e público, exigindo-nos a ampliação do campo de nossa consciência para além do nosso entorno, e atitudes que abarquem a responsabilidade com toda a humanidade (Bocca; Freitas, 2021, p. 26).

Esta visita inconveniente remete justamente à casa tornada um lugar nauseante, um lugar com fenomenalidades múltiplas. Nesse ponto, quando deflagramos a casa como um lugar nauseante, estamos reafirmando o posicionamento existencial que a própria náusea nos invoca, pois, para que a náusea seja vivida visceralmente por nós, precisamos voltar à nossa existencialidade enquanto uma condição contingente frente a um mundo que nos espera, pois:

[...] o primeiro esforço do existencialismo é o de pôr todo o homem no domínio do que ele é e de lhe atribuir a total responsabilidade da sua existência. E, quando dizemos que o homem é responsável por si próprio, não queremos dizer que o homem é responsável pela sua restrita individualidade, mas que é responsável por todos os homens [...] a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, porque ela envolve toda a humanidade (Sartre, 1978, p. 218).

A tônica do momento é a da responsabilidade de si como respaldo para a existência do Outro. Podemos dizer que a pandemia nos mostrou o cerne da responsabilidade existencial, pois, não se trata de uma responsabilidade individualizada, e sim universal. Por isso, ser responsável e cuidar de si torna-se imperativo para uma finalidade de toda a humanidade.

A náusea reverbera o afloramento da angústia existencial, uma expansão de existência, que se revigora na cotidianidade. A insatisfação com os costumes, com o hodierno, implica uma somatória de sentidos que vão aos poucos se nauseando; eles acabam por emergir quando nos damos conta que, na náusea, não somos sozinhos, somos em condição, um existente só. Desse modo, quando nos sentíamos enjoados em casa e já exaustos de tanta pressão, a náusea era a resposta de um possível equilíbrio entre a existência e as contingências mundanas.

Isso nos impele a descrever as náuseas da casa em um sentido de responsabilidade para com o Outro. Os efeitos nauseantes vividos durante a pandemia foram assolados pelas irritabilidades, estresses, momentos de sobrecarga de trabalho, não ter espaço para as suas atividades diárias, não ter o convívio social direto com amigos e parentes. Todas essas trincheiras foram vividas de modo nauseante, pois, como Sartre (2019) sinalizou, a náusea não é um fenômeno externo a nós: somos nela a sua existencialidade.

Nesse sentido, habitar a casa em tempos de pandemia, nauseadamente, nos possibilitou fazer descrições desses momentos vividos na situação do ficar-em-casa. Descrever a casa não é uma tarefa fácil; é preciso senti-la, ser interpelado pelas paredes frias, faz-se na necessidade de entranhar-se na

casa, virá-la do avesso, tornar-se casa, revelando-a sob a luz do fenômeno casa. A casa é viva, estamos nela sozinhos, acompanhados, somos por, entre e com ela. Ela se escorrega das definições prévias, ela desliza.

Habitando nauseadamente a pandemia e o próprio ficar-em-casa, problematizamos a casa em quatro possíveis fundos que foram gestados no processo pandêmico a partir das situacionalidades do ficar-em-casa. Esses fundos não são de forma categórica divergentes, e sim transformantes: eles se deslocam com a facilidade do nosso mover por entre as necessidades de cada ser-em-situação.

A sustentação que baliza os fundos são as reverberações orgânicas que se manifestam geograficamente estando em situação. Imersos na realidade geográfica, estamos a todo momento rodeados de percepções sinestésicas momentâneas, e são justamente essas percepções sinestésicas que ladeiam nossas descrições dos quatro fundos elencados.

Estando em estado de intensidade geográfica, os fundos se manifestam enquanto um dinamismo existencial a partir da realidade geográfica situada de cada ser-em-situação. Isso, em contraste com as náuseas aqui propostas, se relacionam visceralmente, haja vista que as náuseas enquanto modo se manifestam justamente por essa intensidade geográfica movida pelo dinamismo existencial.

Sendo assim, um dos focos da tarefa aqui proposta se assenta na possibilidade de leitura da casa pelo modo da náusea e como ela se desliza por entre as situacionalidades vividas. Desse modo, o existencialismo sartreano orienta a condução deste texto.

Sartre publica "A Náusea" em 1938, marcando o início de seus romances, na possibilidade de desvelar, para quem lê, os impasses existenciais em sua realidade cotidiana. O filósofo remonta, nesse livro, algumas bases do existencialismo ateu, as quais, posteriormente, são trabalhadas no tratado de uma ontofenomenologia, a saber: "O ser e o nada" de 1943.

No livro em questão, Antoine Roquentin é inundado diversas vezes pela incerteza da existência e pelos estranhamentos de sua própria realidade. O mundo, em sua gratuidade, apresenta certos desafios para Roquentin, na sua condição de escritor e de um homem reservado. Certas atitudes lhe assombravam apenas de imaginar, por exemplo, o fato de ele se assustar com a sua própria realidade e seu asco angustiante do ter que ser responsável por si mesmo lhe gestava uma angústia intrigante que, no decorrer de seus dias, fora ficando maior e, quando apercebeu-se, já estava inundado pela náusea:

[...] as coisas não vão bem! Não vão bem de modo algum: estou com ela, com a sujeira, com a Náusea. E dessa vez é diferente: me veio num café. Até agora os cafés eram meu único refúgio, porque estão cheios de gente e são bem iluminados: já não haverá nem isso; quando me sentir encurralado em meu quarto, já não saberei aonde ir (Sartre, 2001, p. 33).

O fato em questão é que, na obra, Sartre anuncia que, para existir, não se pode ter medo da própria existência. Ser responsável pela sua condição é o que lhe fará tomar as suas decisões e fazer suas devidas escolhas. Nada foge de nossa determinação de escolha, pois:

[...] é isso a Náusea: essa evidência ofuscante? Como quebrei a cabeça! Como escrevi a respeito dela! Agora sei: Existo – o mundo existe – e sei que o mundo existe. Isso é tudo. Mas tanto faz pra mim. É estranho que tudo me seja tão indiferente: isso me assusta. Foi a partir do famigerado dia em que quis fazer ricocheteios. Ia atirar o seixo, olhei para ele, foi então que tudo começou: senti que ele existia. E a seguir, depois disso, houve outras Náuseas; de quando em quando os objetos se põem a existir em nossa mão. Houve a Náusea do Rendez- vous des Cheminots e depois uma outra, antes, uma noite em que eu olhava pela janela; e depois mais

outra no jardim público, um domingo e depois outras. Mas nunca tinha sido tão forte como hoje (Sartre, 2019, p. 164).

Nessa passagem, Roquentin sente o peso da existência em suas costas, se sente nauseado pela sua existencialidade. Talvez, por isso, nos pequenos momentos quando saíamos de casa para ir ao mercado, durante a pandemia, voltávamos com a impressão de sujeira impregnada e de que talvez tínhamos nos contaminado. Nesse pequeno lapso de tempo, o peso de ter saído nos assolava. Mas, na verdade, a saída era uma contingência necessária, e a impregnância do assombroso vírus era a realidade existencial na qual estávamos imersos.

Se, por um lado, a contingência necessária dos afazeres mescla com o sentido impregnante do vírus, do outro tem a possibilidade do estranhamento como potência para o deslindamento dos fenômenos. Estranhar, aqui, permite a manifestação daquilo que ainda se encontra de maneira envelopada. Estranhar os lugares pela corporeidade convoca nossas escolhas, nossas possibilidades de ação, os impedimentos de trânsito, as rupturas abismáticas.

Como seres-em-situação imergidos na situação pandêmica, muitas coisas foram afetadas, entre as quais a casa aparece de maneira fundante. O estranhamento apresenta como desdobramento da abertura para com o existir em casa, atravessado pelo habitar as redes na situação pandêmica.

Habitar a casa em suas múltiplas facetas nos convoca a refletir como as redes nos afetam e nos colocam em movimento. O cansaço por estar *online* grande parte do tempo, ou até mesmo o esgotamento corpóreo em uma posição ao sentar-se diante da tela de um computador.

Nessa seara, não partimos de juízos de valor para com o sentido da casa devido à plasticidade fenomênica que se agarra diante da presença e da fosforescência do fenômeno. Ou seja, o que importa é como o ser-em-situação lida com este fenômeno, a casa, não de um modo genérico e naturalizante, mas em sua diversidade criadora.

Como ponto de saída, salientamos a importância do reestranhamento da casa como contingência desse adensamento do habitar promovido pela pandemia. Nesse reestranhar a casa, damos importância para as relações de responsabilidade e vizinhança enquanto uma postura de afetividade e praticidade coletiva.

Apostamos no deslindamento dos fenômenos como possibilidade de diálogo; sendo assim, a postura metodológica desse texto se assenta nos modos de experienciar a pandemia, o ficar-em-casa e o contato com as redes. Como estratégia de escrita, descrever a casa nauseadamente nos encaminha para o cenário da gratuidade mundana, que, ao passar pelas redes e pelas maneiras outras de se relacionar no ficar-em-casa, gerou esse adensamento do habitar propiciando um estranhamento da própria casa.

Nesse liame, o estranhamento se manifesta como porta de entrada para as descrições nauseadas do ficar-em-casa. Estranhar-se a si mesmo enquanto modo de deslindar as fenomenalidades da pandemia. Estranhar a casa, os modos de se relacionar com as redes, está em contraste com a própria realidade geográfica de cada ser-em-situação. Desse modo, ao descrever, estamos nos imbuindo de estranhamentos que refletem nos modos de manifestação da náusea.

Nesse longo período de pandemia, ficamos à beira da liberdade-limite, aquela que fica preservada e circunscrita à nossa singularidade. Experienciar as náuseas da casa remete à possibilidade de se entremear em casa, ou seja, ser-casa. Ser tomado pelas percepções sinestésicas de cada cômodo, de cada parada. Aquela sensação de estafo, de que não cabemos mais por entre aquelas paredes. Que as novidades que havia aparecido já não faziam sentido.

Base, movimento, combate e acontecimento são os respectivos fundos dos quais reverberam as descrições nauseadas e em movimento de estranhamento do ficar-em-casa na pandemia. Tanto Dardel (2011) em sua proposta de deslindar uma geografia orgânica e visceral na obra "O homem e a terra: natureza da realidade geográfica" quanto Sartre (2019) em "A Náusea" nos colocam possibilidades de elencar os quatro fundos existenciais como dimensões da existencialidade vividas nauseadamente durante a pandemia.

Base

Dardel (2011, p. 41) salienta que "[...] base é onde se aconchega nossa subjetividade"; sendo assim, a base se assenta na fundação da nossa existencialidade. Ela comporta a sustentação, se refere ao apego, ao afago, ao suporte, sendo alicerces, um teto. A base como fundação da existencialidade em tempos pandêmicos se manifesta pela dificuldade de compreensão do momento atual. Lançados em casa, atarefados e com atividades pendentes, o sentimento de angústia por hora toma conta, e evade nossa própria existência.

Na pandemia, vivemos sentimentos de uma vida injustiçada, sorratamente jogados às trincheiras da existência: ter que tomar medidas de proteção atrincheirados em casa. Por assim dizer, então, na pandemia experienciamos várias camadas de vida, tiragem de peles e assim fomos formando bases.

Nesse movimento de atropelo existencial, de tiragem de peles, Roquentin em "A Náusea" vive atropelado pela própria existência. A gratuidade da existência o assola por não se fixar. Assim, de modo paralelo, fomos atropelados pela pandemia e pela sua gratuidade. O absurdo da existência nos coloca frente a frente com a contingência da facticidade existencial, fazendo assim os viveres dos absurdos.

O absurdo é a chave da Existência, e o absurdo transforma tudo em nada. A náusea é essa evidência ofuscante, tão ofuscante que tudo o mais perde o contorno, tão evidente que é inescapável porque vem da consciência, e a consciência faz o homem. Roquentin é a Náusea. A Náusea sou eu. Nós somos a Náusea. Aceitar essa verdade oferece certo tipo de liberdade, mas uma liberdade da qual não podemos nos livrar; ou seja, uma liberdade-prisão, aterradora. Mas é possível escapar do enjoo, mesmo que não seja possível escapar da contingência nem da morte. Narrar é um modo de desviar da ausência de razão, porque narrar é assumir o controle de uma história, delinear seus limites, decidir seu destino, ordenar aquela realidade e manter-se vivo como se quer, ainda que numa existência inventada. Por isso em tempos de crise, como o que vivemos hoje, nessas ocasiões em que o Acaso enfia o dedo na goela da humanidade, a arte é mais importante que nunca. Porque ela oferece a possibilidade de escapar da náusea (Ghannam, 2021, p. 3).

A base aqui pode ser lida enquanto uma situacionalidade pandêmica que expressa a viscosidade da existência situada e narrada por nós. É estar no limbo, no entanto, em sua casa. É estar para fora, porém é um eterno voltar-se a si. É nauseante o processo de ficar-em-casa.

Movimento

O movimento expressa a dança dos objetos, o meu, o seu, o nosso. O rebolado que fazemos em casa passa por vezes despercebido, o gingado dos olhos a saltar por algo que chama a atenção, o levantar da cadeira para pegar um copo de água para saciar a sede, o som da risada do outro por um caso aleatório de que você não faz parte, o movimento das ondas sonoras pela parede, o balé da existência do outro me invadindo, o vento

calmo sobre as folhas do boldo, a dança com a vassoura, que para tantos é motivo de briga, a briga sendo o ritmo para início de uma valsa triunfante por meio da casa. Lembremos que não nos tocamos por esses detalhes, por vezes mecanizados.

Varre aqui, varre ali. O esfregar as paredes do banheiro como a mais completa coreografia, pois ao esquecer alguma parte ficará a marca. O movimento está intimamente atrelado ao sentimento de incompletude e de insegurança. Ao criar a válvula de escape do movimento, fazemos dela uma utopia, uma ideologia de que, ao mantermos nosso corpo ocupado, as situações irão mudar. Estar em movimento nesse caso remete justamente à possibilidade de romper com as temporalidades fixas dos eventos.

Parece paradoxal falar de movimento estando entrincheirado em nossas casas; no entanto, movimentar o movimento é fazer com que ele se destrua por dentro e expresse sua fenomenalidade para fora, justamente em um movimento. Este requer pausa e calma. Desse modo, o movimento é, em sua espessura, um modo de experienciar a casa por meio das náuseas.

A gratuidade com que a *Internet* se movimenta por entre nossos dedos, por nossas ações corriqueiras, seja a de ligar uma música ou de ouvir um podcast, está intimamente ligada ao movimento da consciência para fora, de estabelecer laços e vínculos: o medo da solidão em que por ora estávamos entrincheirados. A *Internet*, por meio das redes sociais, e virtuais, também nos fez movimentar sem sair de casa. Ela nos fizeram sentir os acontecimentos mundanos e a possibilidades de estremeamento do mundo.

Combate

O combate configura a postura de paisagens do tédio, as náuseas emolduradas nas pinturas da existência. As paredes parecem tão pesadas e sempre carregadas, pois guardam segredos. Medo se diferencia de angústia, medo dos outros e das outras coisas, angústia de sentir medo dos outros e das outras coisas, angústia sempre sendo provocada por mim mesmo, configurando as paisagens nauseantes. A cor do combate sempre se assombra com as cores da náusea e do tédio, pois são muito parecidas.

As paisagens tediosas e nauseantes são vividas pelas ações do medo e da angústia, corroborando com as situacionalidades das náuseas. Nesse bojo de sentidos, podemos cair no escapismo (Tuan, 1998), podemos criar uma camuflagem protetora que nos resguarda de encarar o próprio combate a si mesmo, que, nesse caso, podemos chamar de paisagens fugitivas. Aquelas que correm, mas não adianta as capturamos. Essas paisagens formam a condição existente do escapismo; mesmo que tentamos nos livrar, não conseguimos, pois não somos capazes de lidar com a realidade sempre; por isso, é fácil fugir da angústia e se entregar à má-fé no sentido sartreano (Sartre, 2001).

Mesmo assim, na pandemia, vislumbramos possibilidades de nos aproximarmos das artes como potência reveladora da própria existência. As paisagens que estamos sendo se revelam a partir da nossa situacionalidade. Uma paisagem truculenta, ardilosa ao mesmo tempo sensível e facilmente quebrável. As paisagens que habitamos nesta pandemia podem ser tingidas por nossos combates internos, todos expressados pela experiência da náusea da própria existência.

Combate remete ao encontro, como com as paisagens nauseantes do ficar-em-casa. O encontro com essas paisagens nos coloca à margem do absurdo. Começamos a mudar a moldura de nossa casa, pois já nos encontramos cansados daquela parede. Combatemos nosso tédio não no sentido de vencer, mas em uma postura de se entregar às náuseas da casa e com elas fazermos as nossas cores do escapismo.

Assim como as paisagens fugitivas se dão em combate na cotidianidade, elas, nas redes sociais e virtuais se misturam. O que aconteceu como uma

série de combate, fundada nas relações com o Outro, foi uma cultura do cancelamento — um movimento segundo o qual uma pessoa ou um grupo é expulsa de uma determinada posição influente ou de destaque nas mídias por se posicionar perante outras opiniões que não seriam equivalentes —; desse modo, o medo e a angústia por estar em casa fazendo conteúdo digital fez com que grandes influenciadores digitais começassem a fazer sucesso nas mídias sociais e televisivas.

Acontecimento

É o fluxo, o entrar e sair desordenado é o que anda lado a lado com o movimento. O que traz de fora para dentro e leva de dentro para fora. Podemos dizer que o acontecimento muito se aproxima da nossa realidade íntima. A possibilidade de ver o acontecer em nossa existência. A maleabilidade que somos em situação esboça o que arrolamos por meio do acontecimento.

Nesse ponto, nossa relação visceral com o lugar-casa torna-se completude para com o habitar. Habitamos o lugar-casa em modos de ficar-em-casa em plena contingência. Inaugura-se por meio dessa situacionalidade a possibilidade de novidades, o aparecimento de novas náuseas e novos desafios. Por entre esses desafios destacamos a própria ideia de habitar as redes, pois, com a interrupção de nossas atividades presenciais, o acontecer se manifesta de modo outro, de modo em que as novidades e os desafios se tornem parte dessa nova configuração de lugar-casa.

Os quatro fundos apresentam a casa promovendo uma relação existencialmente orgânica e visceral, assim como nas geograficidades propostas por Dardel, e as experiências vividas nauseadamente sustentam descrições para compor uma existência extremamente umbigada.

Esboçar um sentido da casa é circunscrever a possibilidade de deslizar um caminho investigativo pela geograficidade dos “modos” de casa, se ater às extensões da existência que a compõem. Seria compelir a casa através de uma redução do absurdo, de que vivemos em nossa casa com falsas tranquilidades, com nossos tecidos frouxos, e que não percebemos a vida acontecendo, pois somos persuadidos pela superficialidade e se esvaindo dos problemas fundamentais da própria existência.

FICAR-EM-CASA NA PANDEMIA: QUE LUGAR É ESSE?

Não estamos preocupados com a constelação de significados que possa conceituar o lugar. Meandrados pela situacionalidade do mesmo, buscamos a relação visceral que o adensamento do habitar nos proporcionou como fruto da situação pandêmica. Ficar-em-casa nos conduziu uma maneira outra de se relacionar em situação com o mundo, e também o modo de como agimos no cotidiano. As ações que, de antemão, anteviam com possíveis cronogramas foram parcialmente ou, quiçá, totalmente desestabilizadas. Nossas habilidades ficaram abaladas e confusas pelo embaraço da cotidianidade. Ou seja, uma reorientação da casa passou a existir naquele núcleo.

Fomos reorientados nesse caminhar pandêmico; de certo modo, o lugar a que aludimos não se substantiva, pois ele se manifesta enquanto o próprio ficar-em-casa. Cientes de que a nossa relação deriva justamente da corporeidade situada, há, então, uma ideia-chave para pensarmos essa relação, a saber: o comprometimento no mundo e a responsabilidade afetiva com o coletivo. Ao passo que situamos, nos comprometemos a lugarizarmo-nos de determinadas maneiras, atribuindo assim uma teia de sentidos que envolvem o lugar e a situação.

Estamos comprometidos com a casa, somos a casa em extensão a sua radicalidade; por isso, nossa existencialidade se dá por meio do contato, o gelo das paredes, a cor de cada quarto, o cheiro da cozinha, tudo isso compõe parte do estranhamento com a casa em situação. E tudo decorre da permanência e emergência de ser-estar-em-situação enviscado nos lugares.

Sendo assim, Sartre (*apud Lévy, 1986*), em sua última entrevista, antes de seu falecimento, reverbera alguns elementos importantes para nosso momento, como o reencontrar a sensibilidade com o Outro. Pensar nesse coletivo pandêmico nos coloca no sentido de abertura para repensar o reestranhamento, pois:

[...] a relação entre o homem e o seu vizinho em uma sociedade [...] é antes de mais nada uma relação afetiva, prática: seria preciso reencontrar isso. Porque, originalmente, a sensibilidade é praticamente comum. Quando vejo um homem, penso: ele tem a minha origem, ele é, como eu, originário da mãe-humanidade, digamos, da mãe-terra, como diz Sócrates [...] a relação do homem com seu próximo; chamamos isso de fraternidade, porque eles se sentem como tendo a mesma origem. Têm a mesma origem e, no futuro, um fim comum. Origem e fim comuns, é isso que constitui sua fraternidade (Sartre *apud Lévy, 1986, p. 47*).

Sartre (*apud Lévy, 1986*) esboça, então, um caminho para a fraternidade e para o fim comum, ou seja, uma coerência para com nossos tempos entrincheirados. Nesse movimento de reestranhamento, ao adensar nossa cotidianidade podemos nos ater a essa relação fraterna com o próprio sentimento de náusea. Promovendo lugares de expansão de nossas relações, seja por meio das redes, seja presencialmente.

No movimento de expansão que fazemos ao situarmo-nos e lugarizarmo-nos, esbarramos nas particularidades e fenomenalidades que o fenômeno lugar pode nos apresentar. Estando em processo de abertura para com o lugar e metamorfoseando-se ontofenemologicamente em situação.

Dito isso, ao promover as situacionalidades da casa por meio dos quatro fundos, estranhamos a casa que já existia enquanto campo de compreensão. Ela se apresentou de maneira outra. Ou seja, ocorre aqui um reestranhamento da casa: no lugar que se move, ele se desdobra conforme a situação, nem se substancializa.

Do mesmo modo, em habitando-a-rede, a casa se manifesta como trabalho, como lazer, como sala de aula, como tantas outras situacionalidades. Não ocorre uma fixidez do fenômeno, ele caminha lado a lado com a situação. Isso que elencamos no início, nessa relação, não ocorre a imperatividade, e sim estando lançado e comprometido no mundo, as coisas com que nos relacionamos se manifestam de modo ambíguo existencial.

A pandemia e o ficar-em-casa se manifestam de modos distintos, mas como modos ambíguos de se relacionar. Cada ser-em-situação circunscreve seu campo de atuação de um modo, e faz dele uma responsabilidade individual com respaldo no coletivo. Reestranhar a casa parte dessa viscosidade que temos com as situações e com os fenômenos que nos cercam.

Portanto, ao fazer a pergunta: "que lugar é esse?", remetemos à fenomenologia existencial das descrições dos fenômenos; logo, não há uma resposta para essa questão, e sim um feixe de possibilidades que se assentam na própria pergunta. Assim como os estranhamentos vividos nauseadamente descritos pelos fundos existenciais. As redes, nessa seara, enquadram os modos de relacionamentos como possibilidades de encontros, de cansaços, de estranhar e de reestranhar a casa.

Esses lugares compõem o adensamento do habitar pandêmico, expresso no dinamismo existencial de cada ser-em-situação. Essa malha de existência que penetra nas paredes, que corre pelos dedos, que ecoa falas e sentidos, é expressão do cotidiano pandêmico.

Esse é o lugar da situação que se apresenta como possibilidades.

REFERÊNCIAS

- Bernardes, A. Haters, pós verdade e fakes news: se entrelaçando em redes sociais. *Geograficidade*, v. 10, p. 203-215, 2020. n. Especial.
- Bernardes, A.; Aguiar, F. O território como experiência: ensaio de geografia fenomenológica existencial. *Caderno Prudentino de Geografia*, v. 2, n. 42, p. 44-62, 2020.
- Bernardes, A.; Sposito, E. S. Internet, ser e espaço: pressupostos de fenomenologia ontológica estrutural. *Formação*, v. 1, n. 42, p. 17-27, 2009.
- Bocca, M. C.; Freitas S. M. P. A moral existencialista da fraternidade e da esperança em tempo de pandemia Saúde. In: Zago, M. C. *Saúde Mental no Século XXI: indivíduo e coletivo pandêmico*. Guarujá: Editora Científica, 2021.
- Dardel, E. *O Homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- Duras, M. *Escrever*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- Freeman, S.; Eykelbosh, A. *COVID-19 and outdoor safety: considerations for use of outdoor recreational spaces*. [S.l.]: National Collaborating Centre for Environmental Health, 2020.
- Ghannam, T. Enfrentar a contingência por meio da arte: uma leitura de A Náusea em tempos de coronavírus. *Literatamy*, 2022. Disponível em: <https://www.literatamy.com/post/a-nausea-jean-paul-sartre>. Acesso em: 15 fev. 2022.
- Haraway, D. J. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX". In: Silva, T. T. (org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 33-118.
- Heidegger, M. A questão da técnica. *Scientiæ zudia*, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007.
- Honey-Rosés, J. et al. The impact of Covid-19 on public space: a review of the emerging questions. *OSF Preprints*, 2020.
- Lévy, B. *O testamento de Sartre*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1986.
- Lévy, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- Lima, H. estar em casa: notas sobre as reinvenções do cotidiano na quarentena. *Transverso*, ano 8, n. 9, p. 62-73, 2020.
- Organização Pan-Americana da Saúde. Folha informativa: Covid-19 (doença causada pelo novo coronavírus). *Paho*, 2019. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 2 dez. 2021.
- Sartre, J. P. *A náusea*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- Sartre, J. P. *O existencialismo é um humanismo*. 4. ed. Lisboa: Presença, 1978.
- Sartre, J. P. *O Ser e o Nada: ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- Tuan, Y-F. *Escapism*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1998.
- Unger, N. M. Crise ecológica e a deserção do espaço comum. *Educação & Realidade*, v. 34, n. 3, p.147-156, 2009.